



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Fazer o povo testemunha participante da decisão governamental, falar-lhe a linguagem da verdade e transformar a palavra em complemento mínimo da ação têm sido as características essenciais da comunicação de um Presidente que, em apenas dois anos de governo, já alcançou a popularidade, entendida no seu legítimo sentido de compreensão do povo e conquistada tão-somente com o inalterável cumprimento do dever.

A capa imaginada por Ferdy Carneiro para os livros do 2.º ano de governo, com o risco do território brasileiro sobre o fundo incharacterístico da multidão de nossa gente, associa-se ao título escolhido — «O povo não está só» — para dar ao leitor a visão antecipada das mensagens maiores de justiça social, de integração de terras e homens, assim como de integração entre governantes e governados.

«O povo não está só», como os anteriores livros do Presidente Médici, não é apenas um livro para ler, senão um livro para medir a dimensão inteira das ações que as suas idéias e palavras desencadearam neste momento de nossa História.

PRESIDENTE MÊDICI

O POVO NÃO ESTÁ SÓ PRESIDENTE MÊDICI

O POVO NÃO ESTÁ SÓ

«O povo não está só» é o segundo e último volume de pronunciamentos do Presidente Médici, em seu segundo ano de governo.

Pronunciamentos feitos entre 6 de junho e 30 de outubro de 1971, apenas quatro deles podem ser caracterizados como discursos: o, improvisado em Cruz Alta, a fala aos diplomados da Escola de Piracicaba e as palavras de saudação aos Presidentes do Paraguai e da Colômbia.

Os principais pronunciamentos deste volume — «Proterra», «Remédio ao alcance do povo», «Unidade de Espírito» e «O povo não está só» — são comunicações à Nação, perante o Ministério reunido no Palácio do Planalto.

Ao anunciar, um ano antes, o lançamento do MOBRAL — no que ele chamou a grande hora da alfabetização nacional, disse o Presidente Médici: «Quero que o povo saiba que só falo para dizer, que só falo para agir, que só falo para anunciar a providência, que só falo para pôr em marcha a solidariedade humana e a consciência nacional.»

**O POVO
NÃO ESTÁ SÓ**

Publicações anteriores:

O JOGO DA VERDADE (3.ª edição)

NOVA CONSCIÊNCIA DE BRASIL (2.ª edição)

A VERDADEIRA PAZ (2.ª edição)

TAREFA DE TODOS NÓS (2.ª edição)

O POVO NÃO ESTÁ SÓ

Emílio Garrastazu Médici

2ª edição

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

Capa de FERDY CARNEIRO

*“O Governo não está só e só não está o povo nessa
cruzada histórica, mas unidos um ao outro e um com
o outro identificados.”*

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

PROTERRA

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

“Facilitar o acesso do homem à terra, criar melhores condições de emprego da mão-de-obra e fomentar a agro-indústria nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDAM e da SUDENE.”

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

A TRANSFORMAÇÃO da fisionomia econômica e social do Norte e Nordeste está entre as mais graves preocupações do Governo, que envida esforços, mediante providências de grande porte, seja para promover a efetiva integração da Amazônia na comunhão nacional, seja para arrancar as populações nordestinas da penúria em que se acham mergulhadas.

As gigantescas obras rodoviárias em andamento, aliadas aos programas de colonização, também em curso, empurram as fronteiras econômicas do País para regiões, onde imperava o vazio demográfico, fazendo com que o Brasil cresça dentro dos seus próprios limites. Áreas de grande extensão se abrem, desse modo, à exploração agro-industrial, atraindo a migração de contingentes populacionais que procuram, em outras terras, melhores condições de vida.

A instituição dos incentivos fiscais carrega, a seu turno, para essas regiões, considerável cabedal de investimentos financeiros, que se empregam mormente no setor industrial, cuja expansão se processa em larga escala, notadamente no Nordeste, sob o influxo da mais avançada tecnologia.

Os incentivos fiscais favorecem, no entanto, de modo preponderante, a área urbana, não benefi-

ciando, em iguais proporções, a área rural. Contribui para isso a própria índole do sistema, segundo o qual a maior rentabilidade dos empreendimentos é que determina a sua escolha para a aplicação dos incentivos. Como os empreendimentos industriais são, via de regra, mais rentáveis do que os agrícolas, os incentivos se desviam para os primeiros, que se localizam preferencialmente na zona urbana, deixando quase totalmente desprotegida a atividade rural, de modo particular a desenvolvida pelo pequeno e médio produtor.

Para não deixar, pois, ao desamparo o setor rural, precisamente aquele em que mais áspera é a vida das populações do Norte e Nordeste, cumpre que outras medidas se articulem para desenvolver a agro-indústria nessas regiões, a fim de que, pelo incremento da riqueza comum, se eleve o bem-estar econômico e social de quantos aí mourejam na atividade agrícola.

Persuadido de que, entre essas medidas, assume relevo especial a consistente na assistência financeira direta ao pequeno e médio produtor, determinei, em 29 de março do corrente ano, ao Conselho Monetário Nacional a adoção de programa especial de amparo creditício às atividades agrícolas da região norte e da área geográfica do Polígono das Secas, revelando-se essa decisão de excepcional alcance e oportunidade, principalmente em face dos danosos efeitos da prolongada seca que se abateu sobre o Nordeste.

Graças à ação rápida dos bancos oficiais, em complemento da desenvolvida pela SUDENE e pelos demais órgãos federais da região, instituíram-se novas frentes de trabalho, recompuseram-se dívidas de agricultores que perderam as lavouras, concedeu-se

crédito barato para a retenção do homem do campo, promoveram-se investimentos para aumentar a produtividade agrícola e fortalecer a resistência das propriedades rurais a novas intempéries e solucionou-se a crise que afligia os produtores de cacau. Tornou-se possível, dessa maneira, proteger os desempregados, evitar a fome e o desemprego e criar perspectivas mais alentadoras para o futuro.

Os resultados dessa experiência creditícia demonstraram, em pouco tempo, a elevada eficiência do sistema, que proporcionou a surpreendente geração de cerca de um emprego por mil cruzeiros de investimento.

É imperioso, por conseguinte, dar continuidade a essa experiência, conferindo-lhe maior amplitude e institucionalizando-a como Programa de Governo. Fortalecer-se-á, dessa maneira, a infra-estrutura agrícola, transformar-se-á em economia de mercado a economia de auto-suficiência das regiões pobres e atrasadas, iniciar-se-á a criação de empresas agrícolas e encaminhar-se-ão soluções mais adequadas e racionais para o problema social do Norte e do Nordeste.

Romper-se-ão, assim, as barreiras das soluções limitadas que ameaçavam condenar as populações rurais dessas regiões à marginalização econômica e à perpetuação de um drama social intolerável.

A mesma inspiração social e econômica, que presidiu à deflagração do Programa de Integração Nacional, ora em plena e vitoriosa execução, conduz agora, ao lançamento do Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste, consubstanciado no decreto-lei que, dentro de instantes, será promulgado.

Tem por objetivo esse diploma legal facilitar o acesso do homem à terra, criar melhores condições de emprego da mão-de-obra e fomentar a agro-indústria nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDAM e da SUDENE. Nele se prevêem recursos no montante de quatro bilhões de cruzeiros a serem incluídos no orçamento monetário relativo aos exercícios de 1972 a 1976.

Aplicar-se-á essa dotação, fundamentalmente, na aquisição de terras ou sua desapropriação, por interesse social, inclusive mediante justa e prévia indenização em dinheiro, para posterior venda a pequenos e médios produtores rurais; na concessão de empréstimos fundiários destinados à aquisição da terra própria; no financiamento de projetos destinados à expansão da produção agro-industrial; na organização e modernização das propriedades rurais, dos serviços de pesquisas e experimentação agrícola, dos sistemas de armazenagem e de comercialização; no fomento ao uso de insumos modernos; na instituição do sistema de garantia de preços mínimos para os produtos de exportação, bem como na expansão do sistema de transporte e energia elétrica.

Essas medidas, somadas às providências anteriormente adotadas, constituirão os elementos básicos da melhoria da produtividade agro-industrial, aumentarão a capacidade competitiva da produção regional nos mercados internos e externos e criarão novas e promissoras possibilidades de abertura para os mercados internacionais.

Os recursos para custeio do Programa serão constituídos pela dedução da parcela de vinte por cento dos atuais incentivos fiscais de caráter regional e setorial, pela transferência de recursos do Pro-

grama de Integração Nacional, por financiamentos obtidos de instituições nacionais e internacionais, de forma compatível com o propósito de não prejudicar o crescimento global do País, e destaque de verbas do orçamento monetário. Continuam, pois, em vigor os cinqüenta por cento de incentivos fiscais remanescentes, para a sua aplicação, como até aqui, nos empreendimentos industriais, segundo as regras para isso em vigor.

A construção de uma sociedade livre, autônoma e desenvolvida, no Brasil, o desafio da integração nacional e a revolução agrícola exigem medidas corajosas e de grande alcance, sem as quais não será possível criar a infra-estrutura necessária ao nosso pleno desenvolvimento econômico e social:

O Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste, tal como se acha concebido no decreto-lei que ora promulgo, é fruto da decisão inabalável, que anima os Governos da Revolução, de introduzir na sociedade brasileira as mudanças estruturais exigidas pelo imperativo de conjugar o crescimento da economia com o estabelecimento de ordem social mais próspera, mais humana e mais justa.

Discurso perante o Ministério, no Palácio do Planalto, anunciando a instituição do PROTERRA, em 6-7-71.

9

1000

10000

100000

1000000

10000000

100000000

1000000000

10000000000

100000000000

1000000000000

8

7

1000000000000

10000000000000

100000000000000

1000000000000000

10000000000000000

100000000000000000

1000000000000000000

10000000000000000000

100000000000000000000

1000000000000000000000

10000000000000000000000

A SECA QUE SE FOI

1. $\frac{1}{2}$

2. $\frac{1}{3}$

3. $\frac{1}{4}$

4. $\frac{1}{5}$

5. $\frac{1}{6}$

6. $\frac{1}{7}$

7. $\frac{1}{8}$

8. $\frac{1}{9}$

9. $\frac{1}{10}$

“Não houve epidemias, nem multidões de braços parados e olhos súplices; não se viram as grandes caravanas retirantes a buscarem a aventura do Sul, e desapareceram os ressentimentos do abandono e da descrença na ação governamental.”

NO momento em que se dissolve, decorrido um ano de minha visita aos sertões ressequidos de Currais Novos e Crateús, a última das frentes de trabalho, abertas em hora de calamidade para os nordestinos, quero dizer o que foi a seca de 70, dizer o que, tendo sucedido nas outras secas, desta vez não sucedeu, dizer o que desta seca se colheu.

Desde 1958, não sofria o Nordeste seca tão ampla, insistente, penosa e devastadora: 8 Estados, 605 municípios, quase 600 mil quilômetros quadrados de terra calcinada, meio milhão de homens deixando o chão de seu trabalho, 3 milhões de criaturas atingidas, rebanhos descarnados e tristes, lavouras perdidas e, todo dia, o ano inteiro, um milhão de cruzeiros injetados para acudir o infortúnio.

É certo que a seca de 70 impôs o transplante de recursos que poderiam gerar riqueza mais rápida, e que assim retardou a ascensão da economia nordestina; mas se essas foram as suas dimensões materiais, sinto que em 70 o Nordeste e a Nação saíram mais fortes da seca que se foi.

A Nação viu com os próprios olhos que, em 70, a miséria da seca não enriqueceu ninguém: não houve alta descontrolada no preço dos gêneros alimentícios; a ganância não logrou asfixiar, pela usura, os precisados; e o dinheiro mandado pelo Governo

chegou a seu destino sem descaminhos. Não se viram gastos inúteis, desvios e vazamentos de dotações, nem a desvairada pulverização de recursos, no tumulto da improvisação e precariedade de estruturas assistenciais. E como não houve epidemias, nem multidões de braços parados e olhos súplices, como não se viram as grandes caravanas retirantes a buscarem a aventura do Sul e como desapareceram os ressentimentos do abandono e da descrença na ação governamental, não prosperaram as tentativas dos acendedores da subversão.

Ao dizer o que resultou de tudo o que se fez, começo por aquele trabalho que somente se dava para que o homem se sentisse válido e que, no entanto, intensificou vários projetos de irrigação, melhorou dezenas de açudes e caminhou mais de oito mil quilômetros de estradas.

A seca de 70 traçou, na terra, para sempre, a solidariedade e o destino complementares da Amazônia e do Nordeste que, no passado, os mares e os rios levavam para a enxurrada das terras baixas. A decisão de construirmos a rodovia Transamazônica, já agora avançando irresistível na floresta, assegura uma colonização orientada e racional em faixas úmidas e férteis; oferece, para a hora da emergência, um novo horizonte ao nordestino de áreas que se tornem irrecuperáveis e abre, à Nação inteira, a grande aventura da descoberta da Amazônia no rumo das terras altas.

A marcha de providências emergenciais e objetivas ensejou, além disso, a convergência do trabalho de autoridades federais e estaduais, assim como despertou as instituições creditícias para o imperativo de maior adaptabilidade às condições regionais.

Colheita maior terá sido, porém, o surgimento de motivações positivas subindo do próprio chão ressequido, a atitude participante da juventude e a chegada da hora madura de um Nordeste, que não apenas começou a confiar na administração pública, senão que confia principalmente em si mesmo.

Da seca de 70, bem viva, restou à nacionalidade inteira a consciência de que não existe desafio que não possa ser vencido pela determinação dos brasileiros. As frentes se fecharam, a seca já se foi, um ano é decorrido desde que falei àquela boa gente, em seus farrapos, em seu prato sem tempero e sem sal, mas também em sua resignação, em sua bondade, na fortaleza moral e na esperança que sorriam para mim. Mas o Nordeste está aberto à iniciativa e à capacidade de todos os brasileiros: esse Nordeste onde emerge a consciência de um novo mundo em construção; esse Nordeste de invejável rede de estradas que a Revolução riscou na aridez do solo; esse Nordeste que agora se abre às suas imensas potencialidades.

Decorrido um ano de minha visita aos sertões na hora da calamidade, o mesmo homem que, faz um ano, disse à Nação que o Nordeste haveria de mudar, vem agora dizer que, em verdade, o Nordeste está começando a mudar.

Mensagem dirigida ao Nordeste, no encerramento da última das frentes de trabalho, abertas quando da grande seca de 1970, em 8-6-71.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

REMÉDIO AO ALCANCE DO POVO

“Uma administração inspirada nos princípios da justiça social tem de preocupar-se com o fornecimento de todos os meios que suplementem o ganho de cada um. O remédio ao alcance da bolsa do povo é um desses meios, e dos mais importantes.”

ENTRE as medidas a que atribui caráter prioritário, incluiu o Governo a gradativa ampliação da assistência farmacêutica no tocante às classes de reduzido poder aquisitivo, levando em conta a realidade, todos os dias observada, de que, sem a possibilidade de aviamento da receita, a consulta médica se torna inócua para uma grande massa da população.

Não poderíamos ficar indiferentes a esse espetáculo triste e, por vezes, alarmante. Uma administração inspirada nos princípios da justiça social tem de preocupar-se com o fornecimento de todos os meios que suplementem o ganho de cada um. O remédio ao alcance da bolsa do povo é um desses meios, e dos mais importantes.

Para concretizar medidas administrativas, sem as quais não seria possível atingir esse objetivo da política social do Governo, foi decidido baixar, com o concurso dos Ministérios que dispõem de laboratórios farmacêuticos, um Decreto Executivo que institui a Central de Medicamentos.

A finalidade social e humanitária do Decreto é evidente e não deixa de ser análoga às providências que, em ocasiões excepcionais, como as de calamidade pública, o Governo é obrigado a tomar para o amparo dos necessitados.

A Central de Medicamentos não será, assim, um órgão de competição com a indústria e o comércio especializados, pois se destina tão-somente a promover e organizar o fornecimento de remédios àqueles que, por suas condições econômicas, não puderem adquiri-los aos preços vigentes.

Como instrumento regulador da produção e distribuição de medicamentos, surge de uma conjugação de esforços, que reunirá, sob a égide de uma comissão coordenadora, subordinada à Presidência da República, os laboratórios em funcionamento nos Ministérios da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, do Trabalho e Previdência Social e da Saúde.

Sistematizando e dinamizando as atividades desses laboratórios, será possível ampliar e aperfeiçoar a assistência farmacêutica em moldes adequados à capacidade aquisitiva dos que dela realmente precisam.

Contribuir para que o remédio chegue às mãos de todos, por preços acessíveis a cada um, ou mesmo gratuitamente, quando não houver possibilidade de pagar — eis o alto propósito da iniciativa governamental, ditada pelo imperativo de não privar da proteção do Estado faixa alguma da população brasileira.

Discurso lido perante o Ministério, no Palácio do Planalto anunciando a instituição da Central de Medicamentos, em 25-6-71.

MAIS PRÓXIMOS E MAIS UNIDOS

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1

10

11

12

13

14

15

16

“No momento em que se inaugura a ponte internacional sobre o rio Apa, que possibilitará comunicação rodoviária mais rápida entre Assunção e Brasília, tornando os nossos países mais próximos e mais unidos, formulo votos de que esta obra solidifique ainda mais o entendimento, a cooperação e a amizade entre o Brasil e o Paraguai.”

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

SENHOR Presidente:

Ao nobre povo paraguaio, tão dignamente representado na pessoa de Vossa Excelência, trago, com efusão de alma, a saudação fraterna do povo brasileiro.

Assinala, com a maior eloquência, a cordialidade existente entre os nossos povos a inauguração, a que ora procedemos, Vossa Excelência e eu, desta ponte internacional. Além de significar o atendimento de antiga aspiração, exprime este ato, também, o inabalável propósito dos nossos povos de multiplicar os seus pontos de contato e as áreas de interesse comum, visando a consolidar, cada vez mais, os seus vínculos de amizade.

Destinada a constituir elo importante no enlace dos sistemas rodoviários de nossos países, representa esta ponte mais um passo no caminho que vem sendo desbravado por brasileiros e paraguaios para integração física desta região.

A continuidade do esforço desenvolvido nesse sentido é marcada, de modo especial, pela construção da Estrada Concepción-Pedro Juan Caballero, da Ponte da Amizade e da Rodovia do Atlântico.

Dentro do espírito da mais estreita solidariedade se desenvolve, também, a participação brasileira no aproveitamento hidrelétrico dos rios Acaraí

e Mondaí, obra em que se evidencia a capacidade realizadora do povo paraguaio.

Incentivados pelos êxitos até agora alcançados por essa política de cooperação, iniciaram estudos os dois Governos para a captação do potencial energético das águas do Paraná, desde Sete Quedas ou Guaíra, até a foz do rio Iguazu, empresa binacional que não terá paralelo, no mundo, por sua natureza e magnitude.

Esses empreendimentos conjuntos, aos quais outros certamente se juntarão, como fruto de nossa associação fraternal e irreversível, ao mesmo tempo que estimulam a prosperidade de nossos países, concorrem, ainda, para a valorização do homem, causa final de todo o nosso esforço.

Na árdua tarefa de governar, a que Vossa Excelência se tem dedicado sem repouso, são de júbilo as ocasiões em que assistimos à transformação em realidade dos projetos que concebemos para bem servir a nossos povos. Esta hora, por conseguinte, é para mim, como certamente o será também para Vossa Excelência, de grande alegria.

Senhor Presidente:

No momento em que se inaugura a ponte internacional sobre o rio Apa, que possibilitará comunicação rodoviária mais rápida entre Assunção e Brasília, tornando os nosso países mais próximos e mais unidos, formulo votos de que esta obra solidifique ainda mais o entendimento, a cooperação e a amizade entre o Brasil e o Paraguai.

Discurso pronunciado durante encontro com o Presidente ALFREDO STROESSNER, do Paraguai, na inauguração da ponte internacional sobre o rio APA, em Bela Vista, a 7-7-71.

PIRACICABA: TERRA E PESQUISA

1	1
2	1
3	1
4	1
5	1
6	1
7	1
8	1
9	1
10	1
11	1
12	1
13	1
14	1
15	1
16	1
17	1
18	1
19	1
20	1
21	1
22	1
23	1
24	1
25	1
26	1
27	1
28	1
29	1
30	1
31	1
32	1
33	1
34	1
35	1
36	1
37	1
38	1
39	1
40	1
41	1
42	1
43	1
44	1
45	1
46	1
47	1
48	1
49	1
50	1
51	1
52	1
53	1
54	1
55	1
56	1
57	1
58	1
59	1
60	1
61	1
62	1
63	1
64	1
65	1
66	1
67	1
68	1
69	1
70	1
71	1
72	1
73	1
74	1
75	1
76	1
77	1
78	1
79	1
80	1
81	1
82	1
83	1
84	1
85	1
86	1
87	1
88	1
89	1
90	1
91	1
92	1
93	1
94	1
95	1
96	1
97	1
98	1
99	1
100	1

“A revolução que se promove hoje na agricultura exige também a revolução nos métodos e processos de trabalhar a terra. Ilusório é pensar que a simples distribuição da propriedade fundiária garantirá ao homem do campo a prosperidade e o conforto. Se é indispensável facilitar o acesso do homem à terra, imprescindível se torna, igualmente, facultar-lhe meios eficazes para fazê-la produzir segundo padrões econômicos.”

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

8

9

10

11

A CONFIANÇA que deposito nas virtudes intelectuais da nossa gente, na sua capacidade organizadora, no entusiasmo com que se devota ao progresso do saber, consolida-se ainda mais em face do que me foi dado ver e sentir no curso desta grata visita à Universidade de São Paulo.

A moderna metodologia que se emprega nos seus múltiplos e modelares institutos, seja na condução da pesquisa científica, seja na transmissão do conhecimento, comprova que não é alheio ao seu corpo docente nada do que se realiza, nos demais centros culturais, quanto ao avanço da Ciência.

Largos e encorajadores são os horizontes que se rasgam, nesta imensa oficina de trabalho intelectual, para aqueles que se deixam empolgar pela vocação científica. Encontram aqui as gerações juvenis tudo quanto podem ambicionar para converter em realidade os sonhos alimentados, no que respeita ao futuro, pelo seu coração inquieto e generoso.

Não basta, entretanto, que se acumulem, pela investigação científica, tesouros de saber, nem que, pelo domínio da técnica, se adquiram meios prodigiosos para atuar sobre a natureza. Pela sua neutralidade ética, a ciência natural e a tecnologia, como a

experiência dolorosamente nos ensina, tanto podem ser usadas para o bem como para o mal.

Para que uma e outra se utilizem, pois, em proveito dos reais e legítimos interesses do ser humano, cumpre que sejam ambas colocadas unicamente a serviço de valores que, promovendo a dignificação do homem, de todo o homem, concorram para a harmonia e a felicidade sociais.

À disposição moral de recorrer ao progresso científico, bem como às suas aplicações práticas, exclusivamente para assegurar ao homem a melhoria de sua condição histórica, imprescindível é que se junte a determinação inabalável de acelerar as providências no sentido de realizar esse ideal.

Estando com esses princípios a alma brasileira, não admira que com eles se coadune o comportamento de nossa família universitária, tão bem representada pelos professores e alunos deste admirável centro de trabalho intelectual. Diante do clima espiritual que o envolve, bem como da rara proficiência com que a ciência se cultiva em todos os seus departamentos, não cabe discriminar entre estes.

Não posso esconder, no entanto, o especial interesse em mim despertado, como governante e como homem de meu tempo, pela atividade que, nesta acolhedora Piracicaba, desenvolve, no terreno técnico-científico, a Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz".

Os resultados práticos dos estudos nela até agora empreendidos, notadamente no campo da genética, da silvicultura e do emprego da energia nuclear na agricultura, valem, sem dúvida, por si mesmos, como fatores de aumento da produtividade agrícola.

Confirmam, porém, acima de tudo, os feitos aqui realizados, a irreduzível inclinação, que a todos nos domina, para utilização do progresso científico tão-somente em prol do bem-estar da comunidade.

A revolução que se promove hoje na agricultura exige também a revolução nos métodos e processos de trabalhar a terra. Ilusório é pensar que a simples distribuição da propriedade fundiária garantirá ao homem do campo a prosperidade e o conforto. Se é indispensável facilitar o acesso do homem à terra, imprescindível se torna, igualmente, facultar-lhe meios eficazes para fazê-la produzir segundo padrões econômicos.

No programa governamental, recentemente lançado, para solução dos problemas agrários nas regiões Norte e Nordeste, alia-se, por isso, à redistribuição de terras largo elenco de providências, mediante as quais o produtor rural poderá tirar da gleba, em cuja propriedade se investir, rendimento que lhe assegure, assim como à sua família, o nível de vida a que tem direito.

Não será pleno, contudo, o êxito dessas providências sem a contribuição, em prestações de saber, de nossas instituições científicas, entre as quais, de modo distinto, se insere a Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz". Aos moços que lhe deixam os bancos acadêmicos para colocar a sua competência profissional a serviço da sociedade, incumbe, de modo particular, juntar as suas forças às dos que se devotam ao progresso de nosso sistema agrícola.

Quiseram os jovens, que ora aqui terminam o curso, distinguir-me com a escolha para seu parainfo. Nesse gesto, que tanto me sensibiliza, não

vejo somente a manifestação de um movimento de simpatia em relação a mim e à obra que, sob o meu comando, o Governo realiza.

Creio que nela me é lícito identificar o nobre propósito, em que se acham os meus paraninfados, de pugnar também, dentro de sua peculiar esfera de trabalho, pelo interesse público, concorrendo, assim, para que a nação brasileira alcance grau de prosperidade, que assegure a seu povo as condições de vida pelas quais, todos nós, governantes e governados, juntamente nos batemos.

Agradecendo do fundo do coração esta manifestação de cordialidade, que tanto me confunde, quero dizer-vos que a minha confiança no futuro do País sai daqui extremamente fortalecida, porque fortalecida sai daqui a confiança que deposito na mocidade de hoje, em cujas mãos o decurso do tempo não tardará em colocar os destinos da Nação.

Alocução perante os alunos da Escola Superior de Agricultura «Luís de Queiroz», em Piracicaba (SP), em 30-7-71.

VIZINHOS PRÓSPEROS

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

20

“O Brasil quer vizinhos prósperos e está disposto a cerrar fileira na luta comum pelo progresso a que têm direito os nossos povos.”

SENHOR Presidente:

Estar em terra colombiana é, para mim, tanto um privilégio, quanto o cumprimento de antiga aspiração. Mas estar em terra colombiana precisamente hoje, quando se comemora a gesta libertadora da Ponte de Boyacá, aumenta, de modo particular, a minha profunda satisfação, pois que isso me proporciona a grata oportunidade de participar da grande festa nacional deste nobre povo, junto com o seu ilustre Presidente, que ora vê transcórrer o primeiro aniversário do seu fecundo mandato.

É singular, na verdade, como observa Vossa Excelência, que, não obstante a imensa fronteira que une nossas pátrias e, não obstante, ainda, a sólida amizade, jamais estremecida ao longo de vários séculos, entre os nossos países, seja este o primeiro encontro dos Chefes de Estado da Colômbia e do Brasil.

Assume, por conseguinte, peculiar significado o encontro que agora se efetua, nesta cidade fronteira, em pleno coração de um continente ainda jovem, onde o porvir é cheio de promessas para as gerações que, em meio à inquietação do século, procuram edificar cidade política, na qual a ordem e a

tranqüilidade sociais se forjem sob a inspiração da justiça.

Está encerrada, sem dúvida, no plano terrestre, a era dos terrenos vagos, dos territórios livres, dos lugares que a nenhum poder soberano se sujeitem. Sob esse ponto de vista, é certo — como houve quem assinalasse — que o tempo do mundo finito começou. Porém a época do mundo finito não se iniciou ainda, para nós, dentro das nossas fronteiras, onde vastas regiões continuam a desafiar a têmpera desbravadora com que, no passado, a nossa gente vadeou rios, transpôs montanhas, percorreu vales sem fim para estabelecer, nos pontos mais remotos, novos centros de civilização.

Não é menos firme, porém, que a dos nossos maiores a disposição de ânimo com que nos consagramos, cada qual em seu país, à integração na comunidade nacional das regiões despovoadas entre as quais, notadamente, as situadas na Amazônia. Move-nos, sobretudo, a essa tarefa gigantesca, o propósito de valorizar e desenvolver tais regiões, como partes, que devem ser, de um complexo equilibrado e coeso; também nos move a esse empreendimento o imperativo de fazer da Amazônia ponto de enlace e comunhão entre os povos que nela vivem, bem como o dever indeclinável de levar aos seus habitantes o amparo material e moral a que fazem jus.

Essa obra ciclópica, fascinante e inadiável absorverá as energias de gerações sucessivas e exigirá continuada prioridade nos programas governamentais, reclamando, além disso, imaginação criadora e capacidade de adaptação a circunstâncias novas, no tocante às quais não se ajustam conceitos ou técnicas ideadas para situações diferentes. A

cooperação entre as nações que se inserem nesse quadro fisiográfico é indispensável, ademais, para evitar erros, desperdícios de esforços e frustrações.

Estamos, Senhor Presidente, construindo um país que, sem romper as linhas fundamentais de sua tradição cultural, utiliza os instrumentos do presente, não para prolongar obstinadamente o passado, mas para solver, com os olhos postos no futuro, os problemas que propõe o nosso tempo.

As reformas que empreendemos, nos mais diversos setores da vida nacional, não são diversas, pelo espírito que as impulsiona, das que se promovem nas demais nações, onde não se esquece, como não esquece o grande país irmão, a que Vossa Excelência tão superiormente preside, que o homem é princípio e fim de toda a organização política.

Estimulando, assim, com decisão e pertinácia, como fazemos, o crescimento da economia, só desejamos criar os bens indispensáveis para elevar, pela sua adequada e justa distribuição, o nível de vida do povo, oferecendo a todos e a cada um os meios de que necessitam para modelar o próprio destino, segundo a sua capacidade.

Longe de nós está, portanto, a idéia de conquistar, pelo empenho que colocamos em promover o desenvolvimento nacional, qualquer tipo de hegemonia política. Rejeitando, como temos feito, ao situar a nossa posição no plano do direito das gentes, a divisão do mundo em esferas de influência, não poderíamos, sem infidelidade a esse postulado, pretender qualquer espécie de primado sobre qualquer outra nação. Nossa atuação internacional se desdobra, destarte, dentro desse princípio, em clima da mais fraterna solidariedade para com as demais

nações, especialmente com as que compõem a comunidade americana. O Brasil quer vizinhos prósperos e está disposto a cerrar fileira na luta comum pelo progresso a que têm direito os nossos povos.

Nessa filosofia de afirmação do interesse nacional, dentro da ordem jurídica, se enquadra a recente decisão de estender o mar territorial brasileiro até a largura de duzentas milhas. Ao assim proceder, não só exercitamos faculdade que deriva da nossa soberania, mas cumprimos, ainda, o dever de preservar para os brasileiros a utilização racional das riquezas que se encontram nessa faixa marítima, nela incluídos o seu solo e subsolo.

Respeitamos a posição dos países que, em virtude da peculiaridade de suas condições geográficas, adotaram outras fórmulas, também no exercício de sua soberania e das faculdades asseguradas pelo Direito Internacional. Conforta-nos, sobremaneira, que a Colômbia haja reconhecido a legitimidade do ato praticado, nesse particular, pelo Brasil.

Tratando-se de países de idêntica formação jurídica e tão larga tradição de solidariedade, é natural que sempre tenha sido exemplar a cooperação que nos prestamos na defesa de causas relevantes. Está nesse caso a luta pela transformação da injusta estrutura do comércio internacional, pela garantia de condições para o fortalecimento de nossas marinhas mercantes; pelo acesso, em termos não onerosos, à tecnologia originária das nações desenvolvidas e pela obtenção de recursos financeiros internacionais em volume e condições adequados à complementação do esforço pelo desenvolvimento.

Merece ser destacada, por certo, nesse quadro, pela perfeita harmonia de pensamento que a informa

e pela importância fundamental que reveste para os nossos países, a ação que temos empreendido em prol de salutar e equânime política internacional quanto ao café.

Essa cooperação, de que nos desvanecemos, considero-a, Senhor Presidente, da maior relevância para a consecução de nossos objetivos nacionais. O destino das nações americanas se encontra de tal maneira interligado que já não podemos conceber, sequer a título de formulação teórica, processos de desenvolvimento autárquico ou sem correspondência nos demais integrantes do sistema continental.

Tais convicções, partilhadas pelos nossos dois Governos, induziram-nos a concertar, durante a recente e honrosa visita do Chanceler da Colômbia ao Brasil, medidas de grande transcendência para os nossos países, ora solenemente ratificadas.

Dentro desse programa, iniciaremos, em breve, intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as entidades brasileiras e colombianas devotadas ao estudo e desenvolvimento da Amazônia; estabeleceremos regimes preferenciais que estimulem e aperfeiçoem a complementação comercial entre nossas regiões fronteiriças; alentaremos a criação de empresas que, associando o capital e a técnica de nossos países, se dediquem à produção de bens e serviços na Amazônia; começaremos imediatamente o estudo de vias de transporte interiores que propiciem correntes de comércio e contatos humanos entre nossas comunidades; examinaremos planos e providências com o fim de aumentar os fluxos turísticos para a Amazônia; abreviaremos os trâmites para a pronta assinatura de um Acordo de Cooperação Sanitária, que nos permita coordenar e fortalecer o combate às endemias e a assistência médico-hospitalar aos

habitantes de nossas áreas limítrofes; reuniremos, dentro em pouco, técnicos de nossos países para conceberem providências de proteção à flora e à fauna amazônicas.

Não se restringe, todavia, à Amazônia a cooperação que assentamos, embora só isso já bastasse para imprimir caráter histórico a este momento. Convencionamos, ainda, a exploração sistemática das possibilidades de incrementar e diversificar nosso intercâmbio comercial; contemplamos, também no âmbito extra-amazônico, a promoção de fórmulas associativas entre nossos empresários; dispusemo-nos a analisar o aperfeiçoamento dos meios de transportes marítimo e aéreo entre a Colômbia e o Brasil; definimos setores prioritários para uma efetiva cooperação técnica e acordamos em desenvolver o intercâmbio cultural, científico e tecnológico entre os nossos países.

Eis aí, Senhor Presidente, todo um programa que reclamará, de parte a parte, esforço, dedicação e persistência, para que se cumpram os fins que o inspiraram. Embora ambicioso, esse programa se coaduna perfeitamente com a grandeza que já alcançamos, com a firmeza de nossa vontade e com a fraternal amizade que nos une.

Creio, pois, que o nosso encontro em Leticia servirá, como ambos desejamos, para que Colômbia e Brasil conquistem futuro cada vez mais promissor.

Queira aceitar, Senhor Presidente, o sentimento de apreço e admiração que, na pessoa de Vossa Excelência, o povo brasileiro tributa, por meu intermédio, à nobre nação colombiana.

Discurso pronunciado durante encontro com o Presidente MISAEL PASTRANA BORRERO, da Colômbia, em Leticia, a 7-8-71.

A UNIDADE DE ESPÍRITO

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

“O Brasil deseja e espera que Vossa Excelência traga pessoalmente para o chão brasileiro os restos do nosso Imperador português que, mais do que ninguém, simboliza, no arrojo de seu sonho e no impulso de sua vontade, a unidade de espírito, vocação de sentimento das duas nações lusíadas.”

DIRIJO-ME neste momento a todos os brasileiros para dizer-lhes que, em culminação de gestões diplomáticas, encontra-se neste momento em Lisboa o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, que levou de minha parte a Sua Excelência o Senhor Presidente da República de Portugal, Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, a seguinte mensagem:

“Senhor Presidente:

A profunda amizade que é a base do nosso permanente entendimento e as relações especiais que vinculam nossos dois países animam-me a enviar a Lisboa o meu Ministro de Estado Mário Gibson Barboza, para fazer a Vossa Excelência, em meu nome e no de toda a nação brasileira, um pedido a que atribuo o mais elevado grau de importância.

Em 1972, celebraremos juntos — o Brasil e Portugal — o sesquicentenário do acesso brasileiro à plena independência política. Só temos, os dois povos, motivos de orgulho por um acontecimento que, ao separar em dois grandes braços a comunidade lusíada, manteve íntegras a consciência da igualdade espiritual, a língua e as tradições dos antepassados comuns.

Brasileiros e portugueses contemplamos juntos uma história que pertence aos dois povos desde o

século XVI e que é uma só até o início da diferenciação nacional brasileira. Mesmo depois que formamos dois Estados distintos, continuamos a ter heróis comuns, a reconhecer com alegria, na personalidade e nas obras do outro, o que há de mais profundo em cada um de nós mesmos.

Muito devemos por essa identidade fraterna àqueles que, no momento da bifurcação de destinos, souberam ser ela mais alta do que o impulso passageiro do momento que viviam, a homens como D. João VI, José Bonifácio de Andrada e Silva e sobretudo aquele que se tornaria o primeiro Imperador do Brasil e mais tarde o Rei D. Pedro IV de Portugal.

Esses homens conservaram sempre enraizado amor, em cada lado do Atlântico, pelas terras que ficavam na outra margem do mar que Portugal abriu para a História. É natural, por isso, que cada um dos dois países os reivindique para as honras de sua gratidão.

O Brasil, que tanto recebeu de Portugal, deseja continuar a merecer as dádivas de sua amizade generosa. Não teme, assim, pedir muito. E, por meu intermédio, o povo brasileiro pede agora ao povo português, de que Vossa Excelência é o alto representante, os restos mortais de D. Pedro I do Brasil, o D. Pedro IV de Portugal, para depositá-los ao lado da Primeira Imperatriz, em Ipiranga, no mesmo sítio onde, há um século e meio, num arrebatamento generoso, decidiu ser o intérprete da vontade nacional e se transformou em símbolo da unidade brasileira.

À heróica e sua bem-amada cidade do Porto legou o coração. Do Brasil, das paisagens de sua adolescência e das gentes cujo espírito encarnou,

jamais se esqueceu. "O Brasil é meu filho como tu", escreveu certa vez a D. Pedro II. Teve sempre bem guardado, cidadão de duas nações, onde serviu com igual zelo os ideais de liberdade, o entranhado amor pela Pátria que criou no continente americano e o enternecido orgulho de ser brasileiro.

De Portugal, e só de Portugal, podemos esperar dádiva tão grande. Só a Portugal, que tanto amou o seu Rei D. Pedro IV, pode o Brasil pedir que lhe ceda os restos mortais de quem, sendo bom português, se sabia brasileiro e brasileiro queria ser.

Não esquecerá o povo do Brasil esse desprendido gesto da nação portuguesa. E aspira a que se complete com o atendimento de outro pedido. O Brasil deseja e espera que Vossa Excelência traga pessoalmente para o chão brasileiro os restos do nosso Imperador português que, mais do que ninguém, simboliza, no arrojo de seu sonho e no impulso de sua vontade, a unidade de espírito, vocação de sentimento das duas nações lusíadas.

O meu Ministro de Estado das Relações Exteriores dirá a Vossa Excelência do empenho emocionado que coloco nesta gestão. Peço ouvi-lo como se a mim fosse. Ele transmitirá a Vossa Excelência minha firme esperança de que venha até nós, para que, ao celebrarmos o mais alto momento de nossa História, tenhamos conosco, na pessoa de Vossa Excelência, o fraterno povo português.

Com meus votos pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela do povo português, apresento-lhe meus cordiais cumprimentos."

É com o sentimento da mais profunda gratidão que leio para os meus compatriotas a resposta que acabo de receber do Senhor Presidente de República de Portugal:

“Senhor Presidente:

Recebi ontem das mãos do insigne Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Embaixador Mário Gibson Barboza, a carta de Vossa Excelência, em que declara enviá-la em seu nome e no de toda a nação brasileira: permita-me que a tome como dirigida não somente a mim, mas igualmente à nação portuguesa, e que por esta responda também.

É com o maior júbilo que Portugal se une ao Brasil nas celebrações do centésimo quinquagésimo aniversário de sua independência. E os motivos que o determinam encontram-se ao longo de muitos passos da história dos dois países, traduzidos em um sem número de ações fraternalmente partilhadas e cuja sucessão a separação formal da Comunidade Lusíada em dois grandes ramos não veio, felizmente, afetar. Na verdade, Senhor Presidente, impossível será encontrar, no caminhar da humanidade através dos tempos, exemplo como o nosso de tão grande identidade secular de idéias e de propósitos, inabalável alicerce do permanente entendimento e das relações especiais que Vossa Excelência tão justificadamente assinala.

No povoamento operado desde mil e quinhentos e em que logo os descobridores se cruzaram com os naturais, como nas lutas subseqüentes que mantivemos para garantir a unidade prodigiosa do grande Brasil que é assombro do mundo, na gesta hercúlea dos bandeirantes tanto quanto no desenrolar dos acontecimentos que conduziram ao Império, o rol dos

portugueses que souberam distinguir o amor da sua terra natal do amor à sua terra adotiva bem deram jus à afirmação de um ilustre antecessor de Vossa Excelência de que nós, brasileiros e portugueses, somos um só povo. E como um só povo estaremos no áureo ano de 1972, quando por providencial coincidência conjuntamente nos dispomos a comemorar também o quarto centenário de "Os Lusíadas", monumento perene da nossa língua, afirmação eterna de glória e de cultura comuns.

O pedido que Vossa Excelência me fez chegar por tão distinto enviado especial irmana-se perfeitamente com a importância da efeméride que vamos celebrar. Anseio histórico do Brasil, que nós os portugueses não desconhecíamos, se mais cedo não o atendêramos não foi porque os governantes deste país o não tivessem por natural, ou porque o vosso desejo nos não lisonjeasse — mas, cidadão de duas nações, símbolo de tão altos valores, herói comum de duas pátrias, ao rei D. Pedro IV de Portugal, que a uma das nossas cidades legou o coração, naturalmente se têm apegado os portugueses. Consideramos, todavia, nesta hora em que nos empenhamos, mais ainda do que em qualquer outra, na construção efetiva da Comunidade Luso-Brasileira, que a morada definitiva no Brasil dos restos mortais do seu primeiro Imperador constituirá mais um ponto de convergência, um novo símbolo de indestrutível coesão — pois que, ao venerar em sua terra um herói comum, estará o povo brasileiro em cada momento a reafirmar elos comuns por ele representados.

Deste modo, de acordo com o pensar do meu Governo, e seguro de interpretar a vontade do povo português, comunico a Vossa Excelência que Portugal, numa atitude sem paralelo, confia de futuro

ao Brasil os despojos de D. Pedro. E acedendo ao solene e transcendente convite transmitido na carta de Vossa Excelência, é com plena consciência do privilégio que a História me outorga que acompanharei pessoalmente ao Brasil o português da dinastia de Bragança que regressa ao país de que foi primeiro soberano e erigiu em Império, e que outros chefes, de igual estatura e sob a mesma inspiração, desde então tanto têm engrandecido.

Nesta excepcional oportunidade é-me muito agradável poder renovar os protestos da mais alta consideração, ao subscrever-me

de Vossa Excelência

a) Américo Deus Rodrigues Thomaz.”

Brasileiros:

Não posso esconder minha emoção. Fala por si mesmo este fato que nenhuma eloqüência poderia superar: no ano em que celebraremos o sesquicentenário de nossa Independência, regressará ao Brasil o corpo daquele que, em sete de setembro, às margens do Ipiranga, com a bravura, o arroubo e a paixão, que eram a marca de sua personalidade, proclamou livres estas terras.

Meus compatriotas. Os restos mortais de D. Pedro, o nosso primeiro Imperador, de agora em diante repousarão para sempre no solo brasileiro que ele tão extremadamente amou, no seio desta nação livre, soberana e altiva, que ele sempre considerou a sua pátria.

Mensagem lida, através de rede nacional de rádio e de televisão, no PALÁCIO DO PLANALTO, em 12-8-71.

IMPROVISO EM CRUZ ALTA

“Alegra-me e me anima toda visita que faço ao Rio Grande, porque me dá oportunidade de ver o que se faz nesta terra. Anima-me, porque me fortalece a disposição de enfrentar a imensa tarefa que tenho de cumprir.”

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

12

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

CONFESSO, inicialmente, que não era meu intento falar nesta oportunidade; por isso, pedi ao meu dinâmico Ministro da Agricultura que respondesse à carinhosa saudação do prefeito desta cidade. Diante do que vi e do que senti nesta Cruz Alta, que comemora 150 anos, não posso, no entanto, deixar de dizer algo do que se passa no meu íntimo.

Sobrevoando Cruz Alta, percorrendo Cruz Alta, as ruas de Cruz Alta, vi o carinho deste povo. Agora, recebo expressivo presente, como recordação desta viagem. Devo dizer, antes de mais nada, que me alegra e me anima toda visita que faço ao Rio Grande, porque me dá oportunidade de ver o que se faz nesta terra. Anima-me, porque me fortalece a disposição de enfrentar a imensa tarefa que tenho de cumprir, qual seja a de dirigir os destinos desta grande nação.

Viveu o Rio Grande muitos séculos debruçado sobre as barrancas do Uruguai, guardando as suas fronteiras, para conservar aquilo que os nossos antepassados nos legaram. Mas a verdade é que, hoje, graças a Deus, já não nos preocupamos com isto, porque, felizmente, não temos dissídio ou desavença com nossos vizinhos. Em verdade, a partir da Revolução de 64, o Rio Grande passou a preocupar-se

especialmente com a promoção do progresso social e econômico do Brasil.

Que a terra era dadivosa e boa, nós já sabíamos desde a memorável carta de Pero Vaz de Caminha. Mas a verdade, também, é que a terra não responde quando não é provocada. E o gaúcho resolveu perguntar à terra se era capaz de produzir trigo. E ela respondeu: produzo. O resultado aí está. Bem próximos nos encontramos de nossa auto-suficiência quanto à produção de trigo. Perguntou, ainda, à terra, se respondia à soja do mesmo modo que fazia quanto ao trigo; e ela respondeu afirmativamente. O mesmo no tocante ao arroz. E ela respondeu afirmativamente. O Governador me informa que conclamou os agricultores gaúchos a uma produção de dois milhões de toneladas de soja. Os gaúchos sorriram, dizendo que era pouco, que iriam produzir mais.

Lembro aos nossos agricultores que a exportação anual de soja, por parte dos Estados Unidos, ultrapassa a um bilhão e trezentos milhões de dólares, o que representa mais de 30% do valor total da exportação do nosso país. Acredito que os homens de minha terra, breve, muito breve, irão também proporcionar uma grande soma de divisas mediante a exportação de soja.

Quero, ao final destas minhas palavras informais, cumprimentar Cruz Alta e toda esta região pelo trabalho produtivo que estão desenvolvendo pelo engrandecimento do Brasil.

O Brasil, como há bem poucos dias me dizia em carta o Presidente de Portugal, é o assombro do mundo. E eu assim acredito. Acredito porque vejo, com meus próprios olhos, aquilo que me informam os meus assessores diretos lá no Planalto Central, na sede do Governo. Os meus auxiliares, os meus

Ministros, o próprio Governador, afirmam, quanto ao Rio Grande, que este está explodindo. Vejo que isto é verdade. O Rio Grande explode em todos os setores, na agricultura, na pecuária e na indústria.

Aproveito esta oportunidade para enviar, não só a Cruz Alta mas a todo o Rio Grande do Sul, uma mensagem de trabalho e de fé no engrandecimento do Brasil.

Muito obrigado aos meus conterrâneos.

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

SISTEMA CIRCULATORIO

“Todos os dias, ao longo de um ano já de exercício da Presidência, tenho presente o papel do funcionalismo público como verdadeiro sistema circulatório da ação governamental.”

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

TODOS os dias, ao longo de um ano já de exercício da Presidência, tenho presente o papel do funcionalismo público como verdadeiro sistema circulatório da ação governamental.

Ao receber, há poucas semanas, os dirigentes da Associação dos Servidores Civis do Brasil, muito me sensibilizaram a confiança que levavam ao Planalto e a elevação de propósitos da visita, despida de queixas e reivindicações, rica de informações sobre a situação da entidade e sua ação no campo da assistência social, assim como de idéias sobre o aumento da produtividade, a valorização e a dignificação da função pública.

Bem sei que essa atitude não lamuriante, longe de configurar um quadro de satisfação e suficiência, que escondesse as dificuldades e carências da classe, em verdade significava a visão madura de uma problemática global e a homenagem do seu respeito a um Governo que não promove o bem de um segmento só, para cortejar-lhe o beneplácito, senão porque se impôs o dever maior de promover o bem comum, no amanhã de todos nós, se possível no hoje mesmo, na medida em que fecundem os esforços da vontade coletiva.

Venho agora juntar-me às alegrias da classe pelo transcurso do Dia do Servidor, na palavra de

minha admiração pela missão que lhe cabe, de minha identificação com os seus anseios de afirmação profissional e de meu propósito de alcançar, em breve, e plenamente, também na área da política de pessoal, as metas e bases para a ação de meu Governo no campo administrativo.

Compreendo que, no transcurso de datas que como esta sensibilizam toda uma laboriosa classe, advenha a expectativa do anúncio de benefícios e vantagens, de parte do Governo, à maneira de quem, dispondo livremente dos recursos de toda a comunidade nacional, trouxesse flores à comemoração.

Compreendo que essa expectativa nasce em boa parte de anseios legítimos, mas também sei identificar, em tais procedimentos, a ação dos grupos de pressão, a messe triste dos fabricantes de frustrações e o velho hábito de vergar-se a solução profunda dos problemas ao sopro dos interesses de ocasião.

A hora de identificar-me nas alegrias da grande família dos servidores é também a hora de trazer-lhe, como homenagem maior, a palavra de minha sinceridade e de minha firmeza de propósitos. Cumpre-me dizer bem claro que também neste 28 de outubro, e talvez mais ainda pela proximidade das eleições, vi acender-se toda uma expectativa de medidas generosas que o Governo traria de presente em minhas mãos.

A solução dos problemas nacionais ou dos problemas de uma classe não se subordina, neste Governo, a datas prefixadas, não se ilumina nas luzes de uma comemoração, nem visa cortejar a simpatia de homens e horas que passam, antes se volta sempre para os rumos maiores deste país.

Agradeço ao funcionalismo público a distinção de considerar-me o Servidor nº 1. Em verdade nada mais que servidor tenho sido ao longo de toda a vida, e mais não almejo ser.

Faço-me solidário com a Associação e com a classe em sua homenagem às personalidades que tantos serviços lhes prestaram e aos velhos servidores reconhecidos por sua dedicação.

E volto-me, neste grande dia, para o funcionalismo público de meu país, onde vejo o instrumento de trabalho — que espero sempre mais prestante — e o contingente humano — que desejo cada vez mais motivado, participante e feliz.

Aos servidores como eu, a minha confiança e a afirmação de que o meu Governo tudo está fazendo e ainda mais fará no sentido de dispor de quadros administrativos à altura da missão histórica que a todos nos incumbe.

Mensagem lida, a 28-10-70, por representante do Presidente da República, na sessão solene da ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES CIVIS DO BRASIL.

O POVO NÃO ESTÁ SÓ

c

d

e

f

g

h

i

j

k

“O Governo não está só e só não está o povo nessa cruzada histórica, mas unidos um ao outro e um com o outro identificados.”

10
11
12
13
14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

HÁ pouco mais de ano se registrava o desencadeamento de ação governamental no sentido de acelerar, mediante providências de grande porte, a efetiva integração do mundo amazônico, naquilo que nos pertence, na comunidade nacional. Três meses não eram corridos dessa transcendente decisão e já me era dado presenciar no coração da floresta, que cobre o grande vale, o ímpeto com que homens e máquinas, quebrando a solidão desses imensos espaços vazios, iniciavam a sua missão desbravadora. A confiança, que nutria, na praticabilidade do programa, segundo os planos e cronogramas estabelecidos, ganhou, com isso, ainda maior consistência, convertendo-se em profunda certeza de que esse imenso empreendimento, não obstante a magnitude das dificuldades que o cercam, estava a caminho do mais pleno êxito.

Retornando, em viagem recente, à região amazônica, cerca de um ano após essa primeira inspeção ao Programa de Integração Nacional, pude verificar, mais uma vez, que não mudou o ânimo dos responsáveis por essa grande empresa, nem diminuiu o ritmo com que os trabalhos avançam em todos os setores. Acompanhei, em parte, pelo ar, o risco interminável traçado, através da selva sem fim, pela rodovia Transamazônica, donde se irradiam estradas de

penetração, que se perdem também na vastidão da mata. Visitei alguns dos centros urbanos existentes na área, os quais se revitalizam, a olhos vistos, em face do que aí se realiza e das novas e promissoras perspectivas que dessa maneira se abrem para as atividades produtivas. Inspeicionei o processo pelo qual se implanta o plano de assentamento de agricultores nas margens da grande rodovia, tendo visto como se desdobram os serviços de apoio ao trabalhador agrícola e à sua família, bem como aos demais pioneiros, que se dão a si mesmos, no esforço de fixar, nesse enorme espaço físico, a presença humana. Do que vi, ouvi e senti, durante quase uma semana de viagem, trago, em suma, a convicção — tão bem expressa, aliás, por um dos correspondentes estrangeiros, cujas opiniões, todas entusiásticas, tive a oportunidade de ali pessoalmente recolher — de que o Programa de Integração Nacional mudará, na realidade, a face do Brasil.

Alcançam-se, desse modo, firmemente, com observância pontual dos cronogramas fixados pelo Governo, os objetivos a que este se propôs, quando anunciou ao País o lançamento desse Programa, cuja execução prosseguirá, daqui para a frente, com igual ímpeto, a fim de que, no mais curto prazo, se constitua em fonte cada vez maior de criação de riqueza e bem-estar, assim para as populações amazônides, como para os brasileiros em geral.

No quadro das iniciativas em andamento, cumpre que, doravante, se concentrem recursos nos serviços de apoio aos núcleos urbanos, que figurarão como polos de desenvolvimentos ao longo das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém, para que esses aglomerados populacionais se transformem em centros catalizadores de todas as atividades úteis ao

progresso das zonas que lhes são contíguas. Em-
prestar-se-á, assim, toda a cooperação aos governos
municipais e estaduais para que esses núcleos urba-
nos sejam providos, convenientemente, de serviços
de água, esgotos, luz, telefone, educação, saúde,
assistência e segurança. Promover-se-ão, ainda,
obras de urbanização e calçamento, a fim de que
essas comunidades citadinas — para algumas das
quais se destacarão, em caráter permanente, unida-
des militares — possam cumprir, no interesse pú-
blico, a função que lhes é destinada.

A par dessas obras de infra-estrutura, serão
aprimoradas as especificações técnicas das rodovias,
nos trechos vizinhos a esses polos de desenvolvi-
mento para que melhor se aproveite a potencialidade
econômica da região, cujo surto de progresso, em
determinadas faixas, já se prenuncia altamente pro-
missor. Novas medidas se tomarão, além disso, com
o objetivo de incrementar a navegação fluvial para
essas concentrações urbanas, acelerando-se, para tal
fim, a construção dos portos projetados e dando-se
novas dimensões à frota já em operação.

A qualidade do solo, em certas zonas, confirma
as previsões sobre as quais se fundou o traçado da
Transamazônica. A análise de amostras colhidas
além do quilômetro cento e vinte, no trecho Alta-
mira-Itaituba, apura a ocorrência de solo superior
ao existente junto ao Xingu, em Altamira, tido como
excelente.

Corporificam-se, assim, as melhores condições
para que a iniciativa privada participe, ativamente,
dos empreendimentos projetados para a região. Cha-
mar-se-á o setor empresarial a cooperar, de modo
particular, em programas de colonização, neles com-
preendidas a construção de agrovilas e a abertura

de estradas vicinais. Convém que essa colaboração se efetive, também, em projetos agropecuários, dadas as excepcionais possibilidades que se oferecem para isso, notadamente na região situada entre Estreito, Marabá e Altamira.

Persistir-se-á, com especial diligência, na preservação da imensa riqueza florestal, fazendo-se com que a sua utilização se processe racionalmente, segundo critérios que atendam sobretudo ao interesse da Nação. Cuidar-se-á, igualmente, com o devido rigor, da preservação do solo, estabelecendo-se, para tanto, ao lado das regras já em execução, as demais cautelas, que a experiência sugerir.

Imagens colhidas através do radar, sobre área que se estende por mais de três milhões de quilômetros quadrados, levantam, sistematicamente, o grande véu que até agora encobria, de forma quase impenetrável, os mistérios do vale amazônico. Com base no conjunto de informações assim recolhidas acerca das características geológicas da região, bem como da cobertura vegetal, hidrografia e natureza do solo, demarcar-se-ão, com segurança, as zonas que melhor se prestem, pelas suas peculiaridades, ao aproveitamento econômico. Em face das indicações que estão sendo ministradas, redobrar-se-ão as pesquisas para que novas jazidas minerais, além das de ferro, bauxita e cassiterita, venham também a contribuir, em breve, para o desenvolvimento do País.

Ativar-se-ão igualmente os estudos para suprir de energia elétrica os polos econômicos da Amazônia. Nesses estudos se incluirão, além dos concernentes a outros potenciais hidrelétricos, os relativos à corredeira de Itaboca ou Tucuruí, no rio Tocantins, que poderá produzir cerca de dois milhões e meio de quilowatts.

Ampliar-se-ão, de outra parte, as medidas de ordem sanitária para completa proteção das populações locais e daqueles que, vindos de todas as partes do território nacional, se incorporam à campanha pela humanização da Amazônia.

Nenhum esforço se deverá poupar para impedir que a Amazônia contamine o homem que vai habitá-la e o homem, por sua vez, contamine o ambiente que vai recebê-lo. Importa que os trabalhos de medicina preventiva sejam acompanhados de estudos e pesquisas sobre os problemas médicos da região, pois somente destarte se conseguirá manter em nível normal a saúde individual e coletiva.

Entre os encargos em que se está investindo, assumirá, ainda, o Governo Federal, na Transamazônica, o de aumentar, em curto prazo, a oferta do ensino de segundo grau e o de implantar, a médio prazo, licenciaturas vinculadas ao sistema universitário. Proporcionar-se-á, além disso, a partir das agrovilas, o ensino fundamental para alunos na faixa dos sete aos quatorze anos. Convênios se estabelecerão, para êsse fim, com as Secretarias de Educação dos Estados e com os governos municipais.

A difusão do ensino, em todos os ramos, nessa região, terá de contar, porém, com o concurso de atividades extracurriculares, nos moldes das que se desdobram, com êxito notável, por intermédio do Projeto Rondon, em cujos campos avançados, distribuídos pelas margens da Transamazônica e da rodovia Cuiabá-Santarém, a nossa juventude revela que a geração de hoje é digna do imenso patrimônio, que os seus antepassados lhe transmitiram.

Constituindo a Amazônia, no globo terrestre, a derradeira grande reserva úmida, ainda disponível

na região tropical, recomendo que se iniciem estudos imediatos para a instalação ali de um centro de pesquisa acerca dos trópicos úmidos, em condições de formular diretrizes adicionais quanto à adaptação do ser humano às peculiaridades da vida no universo amazônico.

Além de se conferir eficiência ao serviço postal nas áreas adjacentes à Transamazônica, estabelecer-se-á, desde logo, sistema de telecomunicações que ligue entre si e com o resto do País as localidades de Estreito, Marabá, Altamira, Itaituba, Humaitá e Santarém, estendendo-se esse serviço às agrovilas, bem como aos demais núcleos urbanos que venham ali a constituir-se.

Quando voltar, dentro de um ano, ao mundo amazônico, estarão essas providências, tais como as anteriormente estabelecidas, convertidas em realidade. Assim o quer a eficácia que os Governos da Revolução imprimem às suas decisões. Assim o quer toda a Nação, que vê, nesse empreendimento, concretizar-se uma de suas mais antigas e legítimas aspirações.

O Governo não está só e só não está o povo nessa cruzada histórica, mas unidos um ao outro e um com o outro identificados.

Canalizando, como está fazendo, a energia da comunidade brasileira para a ocupação econômica e social de nossa fronteira, no vale amazônico, cumpre o Governo o indeclinável dever de colocar, com a maior rapidez, esse gigantesco patrimônio a serviço dos interesses do País.

Discurso lido perante o Ministério, no Palácio do Planalto, em 27-10-71.

ÍNDICE DE NOMES E DE ASSUNTOS

A

- AGRICULTURA** — emprego da energia nuclear na agricultura — 42. ... a revolução que se promove hoje na agricultura exige também a revolução nos métodos e processos de trabalhar a terra... — 43. ... programa governamental para solução dos problemas agrários nas regiões norte e nordeste... — 43. ... O progresso de nosso sistema agrícola e os moços que deixam os bancos acadêmicos... — 43.
- AGROVILAS** — na Transamazônica... — 86.
- ALMIRANTE Américo Deus Rodrigues Thomaz** — Presidente de Portugal... — 59.
- ALTAMIRA** — município de... — 87/90.
- AMAZÔNIA** — efetiva integração da Amazônia na comunidade nacional... — 11. ... integração na comunidade nacional das regiões despovoadas entre as quais, notadamente, as situadas na Amazônia... — 50. ... o imperativo de fazer da Amazônia ponto de enlace e comunhão entre os povos que nela vivem... — 50. ... o desenvolvimento da Amazônia e o intercâmbio de entidades brasileiras e colombianas... — 53/54. ... integração do mundo amazônico... — 85. ... energia elétrica na Amazônia... — 88. ... humanização da Amazônia... 89. ... a derradeira grande reserva úmida no globo terrestre... 89.
- ASSOCIAÇÃO dos Servidores Cíveis do Brasil** — mensagem ao funcionalismo público... — 77/79.
- ASSUNÇÃO** — comunicação rodoviária entre Assunção e Brasília... — 36.

B

- BANCOS oficiais** — ação rápida para instituição de frentes de trabalho nas regiões das secas... — 12.
- BRASIL** — e seus vizinhos da América... — 52. — e Portugal... — 59/64.

C

- CENTRAL de Medicamentos** — Decreto Executivo que instituiu a... — 29/30.
- COLÔMBIA** — primeiro encontro dos Chefes de Estado da Colômbia e do Brasil... — 49/52.
- COMUNIDADE Luso-Brasileira** — 63.

CONSELHO Monetário Nacional — seu programa especial de amparo creditício às atividades agrícolas da região norte e da área geográfica do Polígono das Secas... — 12.

CRATEÚS — visita aos sertões ressequidos de... — 21.

CRUZ ALTA — os 150 anos da cidade... — 69/71.

CURRAIS NOVOS — visita aos sertões ressequidos de... — 21.

D

DESENVOLVIMENTO — promoção do desenvolvimento nacional sem qualquer idéia de conquistar qualquer tipo de hegemonia... — 51.

E

ECONOMIA — estímulo ao crescimento da economia... — 51.

ENSINO — difusão do ensino na Transamazônica... — 89.

ESCOLA Superior de Agricultura «Luís de Queiroz» (Piracicaba, SP) ... — 42/43.

ESTADOS Unidos da América — sua exportação anual de soja... — 70.

ESTRADA Concepción-Pedro Juan Caballero — 35.

F

FRENTES de trabalho — no Norte e Nordeste — 12, 21, 23.

FUNCIONALISMO — mensagem ao funcionalismo público... — 77/79.

G

GOVERNADOR — do Rio Grande do Sul... — 70/71.

GOVERNO — objetivo da política social do... — 29. ...e a promoção do bem comum... — 77/79. ... e o Programa de Integração Nacional... — 86. ... o Governo não está só... — 90.

GOVERNOS da Revolução — decisão inabalável de introduzir na sociedade brasileira as mudanças estruturais... — 15.

H

HEGEMONIA — promoção do desenvolvimento nacional sem idéia de conquista de qualquer hegemonia política... — 51.

HIDRELÉTRICAS — aproveitamento hidrelétrico dos rios Acaraí, Mondai, Paraná e Iguaçú (Sete Quedas e Guaira)... — 35/36.

HOMEM — princípio e fim de toda a organização política... — 51.

I

INCENTIVOS fiscais — para Norte e Nordeste e para as áreas urbana e rural... — 11/12.

INTEGRAÇÃO — na comunidade nacional das regiões despovoadas... — 50.

IPRANGA — monumento em São Paulo... — 60.

J

JOÃO VI (Dom)... — 60.

JOSÉ Bonifácio de Andrada e Silva... — 60.

L

LETÍCIA — encontro dos presidentes do Brasil e da Colômbia... — 54.

M

- MAR** territorial brasileiro de duzentas milhas — e a filosofia de afirmação de interesse nacional... — 52.
- MINISTÉRIOS** — da Marinha, Exército, Aeronáutica, Trabalho e Previdência Social e Saúde... — 30.
- MINISTRO** das Relações Exteriores... — 59, 61/62. ... da Agricultura... — 69.

N

- NAÇÕES** americanas — o destino das... — 53.
- NORDESTE** — a transformação da fisionomia econômica e social do Nordeste... — 11. ... expansão industrial do Nordeste... — 11. ... a áspera vida das populações rurais do Nordeste... — 12. ... os danosos efeitos da prolongada seca no Nordeste... — 12. ... a grande seca de 70 no Nordeste... — 21/23. ... soluções mais adequadas e racionais para o problema social do Nordeste... — 13. ... programa governamental para solução dos problemas agrários no Norte e Nordeste... — 43.
- NORTE** — a transformação da fisionomia econômica e social do Norte... — 11. ... a áspera vida das populações rurais do Norte... — 12. ... soluções mais adequadas e racionais para o problema social do Norte... — 13. ... programa governamental para solução dos problemas agrários no Norte e Nordeste... — 43.

O

- «**OS LUSÍADAS**» — 4º centenário em 1972... — 63.

P

- PAÍS** — confiança no futuro do País... — 44. ... estamos construindo um país, utilizando os instrumentos do presente e com os olhos postos no futuro... — 51.
- PARAGUAI** — entendimento, cooperação e amizade entre o Brasil e o Paraguai... — 36.
- PEDRO I**, do Brasil (Dom) — ou Dom Pedro IV de Portugal... — 60/64.
- PEDRO II** (Dom) — 60.
- PERO VAZ DE CAMINHA** — 70.
- PIRACICABA** — Visita à Escola Superior de Agricultura «Luís de Queiroz»... — 41/44.
- PONTE** — inauguração da ponte internacional sobre o rio Apa... — 35/36. — ... Ponte da Amizade... — 35. ... Ponte de Boyacá — gesta libertadora da... — 49.
- PORTUGAL** — 50/64.
- PORTO** — cidade do... — 60.
- POVO** — desejamos criar os bens indispensáveis para elevar, pela sua adequada e justa distribuição, o nível de vida do povo... — 51.
- PROGRAMA** de Integração Nacional... — 85/86.
- PROGRAMA** de Integração Social — inspiração social e econômica do PIS... — 13. ... transferência de recursos do PIS para o PROTERRA... — 14/15.
- PROGRAMA** de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA) — seus objetivos e recursos... — 13/15.
- PROGRESSO** científico — utilização do progresso científico em prol do bem-estar da comunidade... — 43.

PROJETO Rondon — na Transamazônica... — 89.

R

REFORMAS — nos mais diversos setores da vida nacional... — 51.

RELAÇÕES internacionais — nossa atuação internacional se desdobra em clima da mais fraterna solidariedade para com as demais nações... — 51.

REMÉDIO — ao alcance do povo (Central de Medicamentos)... — 29/30.

REVOLUÇÃO de 64... — 69.

Rio Grande do Sul — visita a Cruz Alta... — 69/71.

RIOS — aproveitamento hidrelétrico dos rios Acaraí, Mondaí, Paraná e Iguaçú... — 35/36.

RODOVIA do Atlântico... — 35.

S

SECA — o que foi a seca de 70... — 21/23.

SESQUICENTENÁRIO da Independência... — 59.

SOBERANIA nacional — e o mar territorial até a largura de duzentas milhas... — 52.

SOJA — no Rio Grande do Sul e nos E. U. A... — 70.

SUDAM — o PROTERRA nas áreas de atuação da SUDAM... — 14.

SUDENE — e as frentes de trabalho nas regiões das secas... 12/13. ... o PROTERRA nas áreas de atuação da SUDENE... — 14.

T

TELECOMUNICAÇÕES — Sistema que ligue entre si e com o resto do País as localidades de Estreito, Marabá, Altamira, Itaituba, Humaitá e Santarém, na Transamazônica... — 90.

TRANSAMAZÔNICA — a decisão de construir a rodovia... — 22. ... visita à Transamazônica... — 85/86, 89/90.

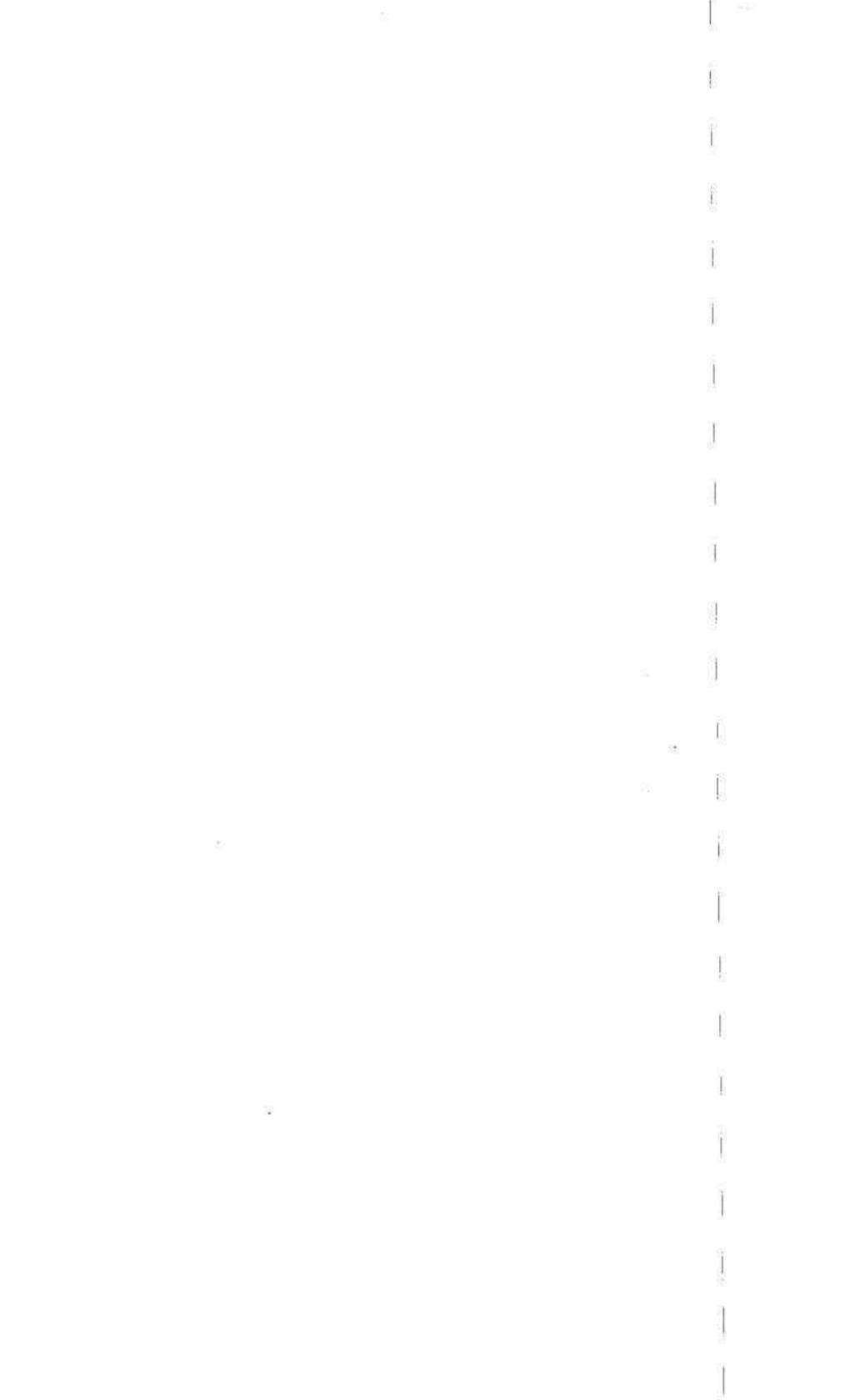
TRIGO — produção de trigo no Rio Grande do Sul... — 70.

U

UNIVERSIDADE de São Paulo — visita à Escola Superior de Agricultura «Luís de Queiroz», em Piracicaba, SP... — 41/44.

SUMÁRIO

	Págs.
PROTERRA	7
A Seca Que se Foi	17
Remédio ao Alcance do Povo	25
Mais Próximos e Mais Unidos	31
Piracicaba: Terra e Pesquisa	37
Vizinhos Prósperos	45
A Unidade de Espírito	55
Improvisto em Cruz Alta	65
Sistema Circulatório	73
O Povo Não Está Só	81
Índice de Nomes e de Assuntos	91



A 2ª edição deste livro foi composta e impressa no Departamento de Imprensa Nacional em março de 1973, para a Secretaria de Imprensa da Presidência da República.